

Título

O Olho de Vidro

Autor

Camilo Castelo Branco

**Direitos Reservados
para Actualização Ortográfica**

© Esfera do Caos Editores Lda

Design

Flukstudio

Impressão e Acabamento

Papelmunde SMG Lda

Depósito Legal

XXXX

ISBN

989-8025-06-9

1ª EDIÇÃO

2006

ESFERA DO CAOS EDITORES LDA

Campo Grande

Apartado 52199

1721-501 Lisboa

esfera.do.caos@netvisao.pt

ÍNDICE

PRÓLOGO (DA 1ª EDIÇÃO) (1866)	9
Introdução	11
I Informações	25
II Não era mãe!...	31
III O faro das bestas-feras	39
IV Resposta	45
V A piedosa eloquência do frade	53
VI Brás Luís	61
VII Exemplo de honestidade aos médicos	69
VIII Má sina de poetas	77
IX Poeta e moralista	85
X Os expatriados	95
XI Treze anos depois	103
XII História de António de Sá	117
XIII Seguimento da história	125
XIV O segredo horrível	131
XV Angústias que existiram	143
XVI O padre Brás	149
XVII O Inferno, como ele é possível	155

XVIII	Catequese	161
XIX	O velho da ermida	169
XX	Parecia cristão na morte!	173
XXI	Como se pode viver!	177
	Conclusão	181
	NOTAS	185

Prólogo

(da 1ª edição)

O eminente bibliógrafo e meu prezado amigo Inocêncio Francisco da Silva, historiando em breves linhas a vida quase obscura de Brás Luís de Abreu, conclui com estas palavras: *Se algum dos nossos romancistas actuais se resolvesse a tratar o assunto, afigure-se-me que a vida deste nosso médico, com os curiosíssimos incidentes que ficam apontados, lhe dariam sobeja matéria para a fábria de uma composição, onde mediante a lição dos escritos, que nos restam de Brás Luís, poderiam fundir-se habilmente espécies mui interessantes para daí resultar obra de cunho verdadeiramente nacional.*

Os termos em que o convite é feito animam e ao mesmo tempo assustam. Comecei temerariamente a composição deste romance: mau foi principiá-lo, que eu sou tão pouco cioso de aprimorar escritos desta ordem, que não me forro ao perigo de concluí-los e imprimi-los, ainda quando me desagradam.

Não direi o que penso deste: assevero, porém, que não está decerto realizada a esperança do meu amigo

Inocência Francisco da Silva. Se a biografia do autor do *Portugal Médico* é mina para locupletar romancistas, vão lá todos, que eu não toquei nos veios mais ricos.

Porto, 3 de Março de 1866

Camilo Castelo Branco

Introdução

Francisco Luís de Abreu, estudante do segundo ano médico na Universidade de Coimbra, estava, por volta das onze horas da noite de 28 de Janeiro de 1692, estudando, no seu *Vila Corta*, as teorias de Galeno acerca das purgas – *de purgatione*. – Embevecido e pasmado nas virtudes drásticas dos olhos de caranguejo, apenas tinha um tudo-nada de espanto para celebrar os não menos miraculosos efeitos da pele de cobra, quando, tão a desoras, duas aldrabadas na porta o roubaram ao seu enlevo. Francisco encapuzou-se no gabão e abriu as portadas da janela que dava sobre o *Beco das Flores*, beco assim denominado por antífrase, figura de retórica tolerantíssima que permite denominar-se flores o adubo de que elas tiram a seiva pútrida, mais tarde evaporada em aromas.

– Quem é? – perguntou o estudante, apertando as asas nasais, com ingrato desprezo das boninas da sua rua. – Quem é o vadio?

– Sou eu! – respondeu quem quer que era, abrindo pequeno respiráculo por sobre o ferragoulo, que lhe envolvia todo o rosto.

– Tu!... – exclamou Abreu em alvoroço. – Vou abrir! Pois és tu?!

Algum motivo misterioso tinha o acadêmico para descer às escuras a precipitosa escada, contando as escaleiras e raspando com o pé cauteloso sobre cada degrau. Aberta a porta, recebeu nos braços com ardente veemência o interruptor de seus estudos, e tão alheado ficou das suas considerações terapêuticas sobre a pele de cobra, que nem já os olhos de caranguejo lhe lembravam.

— Tu aqui, António de Sá! — tornou Francisco. — Eu fazia-te na Índia!... Sobe, meu desventurado rapaz, que não há ainda duas horas que os teus condiscípulos te lamentaram, especialmente José de Barredo se arrepejava por ter sido teu confidente nesses funestíssimos amores, que te perderam...

— Com razão!... — murmurou o outro — com razão me lamentaste, que eu sou desgraçado, quanto pode sê-lo neste mundo um rapaz de vinte anos.

— E que magro estás!... — atalhou Francisco Luís, chegando-lhe do rosto a candeia de lata, que despregou do velador. — Como estás acabado!...

— Se te parece!... um ano quase sem ar, nem sol, passado de terrores... Como não queres que eu esteja pálido e descarnado?! São assim todos os rostos que se lavam com lágrimas...

— Pobre António!... — atalhou o outro muito consternado. — Se, ao menos, tivesses fugido de Portugal, como nós supúnhamos: terias céu e ar... Senta-te homem!... Queres tu comer?

— Quero.

— Ainda bem! A desgraça não te quebrantou o antigo estômago... Aqui tens queijos, figos e bolos de Santa Clara... Olha que ainda duram os amores da freira... Aqui tens o coração da freira nestas trouxas-de-ovos. Carne não na há, e não sei onde vá procurá-la a esta horas... Queres tu uma sorda? Essa faço-ta eu: estão ali os alhos; e, à míngua

de azeite, cozinha-se com o da candeia, e depois conversaremos às escuras.

– Isto basta para quem anda faminto de bons bocados – disse António, com desusado aticismo, devorando o queijo e os figos, e as trouxas alegóricas do coração da franciscana, não já como desgraçadíssimo entre os homens, mas certamente como de entre os estudantes o mais faminto.

O hospedeiro académico enfreou sua curiosidade enquanto o amigo não pôde dispor da língua, empenhada na sôfrega lida da deglutição. No entretanto, andava ele rebuscando na gaveta alguma vitualha, como se em gaveta de estudante alguma vez se operasse o milagre de que alguns raros anacoretas se gozaram na Palestina, quando os anjos do céu lhes cozinhavam os fricassés.

– Que andas tu procurando? – perguntou António de Sá Mourão.

– Um boi que te mate essa fome! Hei medo que me devores, rapaz.

– Nem manjar branco me dêes que já me cá não cabe. Estou alimentado para três dias, se for necessário. Queres agora a minha história de treze meses? Deita-te aí na tua cama; escuta e adormece quando quiseres. Que sabes tu da minha vida?

– Sei o que todos sabem: que fugiste de Bragança com uma moça, filha única de pai rico e feroz, que te fez procurar aqui em Coimbra, e me quis meter no aljube para lhe dar conta de ti, alegando que eu devia forçosamente ser teu confidente, porque sou cristão novo como tu.

– Não sabia – interrompeu António – que os meus infortúnios implicaram contigo...

– Mais do que eu te sei dizer... Os trabalhos, que me ameaçavam, afligiam-me muitíssimo menos que a ideia da inexorável perseguição que te fariam por toda a parte. Esperava eu, a cada hora, a notícia da tua prisão, com

todas as probabilidades de que morrerias na forca, se não morresses na fogueira. Ninguém dava novas tuas, que não fossem horrorosas. Uns diziam que tinhas sido morto a tiro; diziam outros que te havias suicidado. Ao cabo de seis meses, espalhou-se a boa nova de que tinhas embarcado para a Índia, favorecido por teus parentes ricos de Lisboa, e também corria que a moça te acompanhava vestida de rapaz. Ora, como nunca mais se falou de ti, acreditámos que estavas salvo... Como te vejo aqui, António?! Que é isto?! Onde tens estado? Como pudeste fugir à justiça, se não foi nalgum subterrâneo?

— Eu te conto, respondeu António. Aquela temporada de férias que fui passar com meus tios em Bragança foi a morte da mocidade, das esperanças, e de tudo em que eu fundamentara a felicidade das minhas modestas ambições. O prazer exclusivo da minha vida tinha sido o estudo, a glória da ciência, desvanecimento louco de poder ainda, mediante a ciência, avizinhar-me do trono, como os antigos da nação¹ e desoprimir nossos irmãos, quanto coubesse na alçada do juízo, e no prestígio que a posição de médico do rei me desse. Era um sonho talvez desatinado; mas o despertar-me dele foi atroz!... Amei aquela mulher; referi-te o nascer daquele funesto amor. Sabes que os teus conselhos e vaticínios, ainda mal que realizados, não puderam reduzir-me ao dever, à honra, e propriamente ao discreto egoísmo, que tantas vezes nos arreda de abismos cavados pela excessiva sensibilidade. O pior, meu amigo, já não era vencer-me eu; era vencer a compaixão que me fazia a pobre menina, cujas alegrias aos dezoito anos eu fora converter em amargura de toda a vida.

¹ *Nação* era o termo denominativo e colectivo do povo judaico, dispersado entre nações. *Nação*, por excelência, era a dele. Vej., *passim*, João Baptista d'Este, *Diálogo entre discípulo e mestre catequisante*, e todas as sentenças do Santo Ofício, e escritos concernentes à raça hebraica.

– Combati essa opinião – interrompeu Francisco Luís – por cuidar que era grande parte nela a tua vaidade, a vaidade do homem que se julga necessário à vida da mulher...

– É verdade; combateste a insensata opinião; mas... não sei se cedo ou tarde o fizeste; o certo é que as tuas razões me pareceram sofisticadas e glaciais. Vi em ti o filósofo que sempre foste; e em mim vi o homem duplicado em sua existência pelo amor, os dois homens que se combatem e forcejam por despedaçar-se, até que um triunfa, e... fica senhor das ruínas do coração... Já agora não discutamos como médicos em volta de um cadáver. Saibamos que está morto o homem, e ouve tu singelamente a história das delirantes febres que o acabaram.

De antemão sabia eu que a filha de Fernão Cabral me seria negada, e que os lacaios do cristianíssimo fidalgo, por ordem do seu senhor, me ameaçariam com os seus tagantes.

Isto não embargou que eu timidamente me fosse apresentar ao nobre morgado de Carrazedo, e lhe pedisse a filha. Fernão ouviu-me em pé, e respondeu-me nestes termos: «Olhe para estes retratos – e apontou para uma dúzia de figuras pendentes das paredes – olhe para estes retratos, e veja se aí está algum com a estrela vermelha das seis pontas cosida sobre a garnacha ou sobre o arnês»² – dito isto, apontou-me a porta da escada.

Não sei se ódio, se lágrimas, se tudo a um tempo, me enchia o coração! Já então não tive ânimo para te escrever!

Há desgraças tamanhas que um homem parece envergonhar-se de contá-las aos amigos mais do íntimo da alma. Fechei-me com o segredo da minha ignomínia. Deixei Bragança e fui para a Guarda, resolvido a entregar-me inerte ao devorar silencioso da minha saudade.

² *Característico legal da raça judaica. Vej. Ord. do Reino – as Filip.*

Fugi dos carinhos da família, e ferrolhei-me numa casa agreste e erma na quebrada da Serra da Estrela. A desesperação ali foi-me consoladora, porque a morte era inevitável naquele desamparo.

Nem ainda então pude escrever-te, meu amigo! Assim que tentava fazê-lo, não sei exprimir que desalento me esvaía a cabeça. «Que vale queixar-me?! – dizia eu entre mim – O que Deus não dá não mo podem dar amigos. Deixá-los gozar, deixá-los ignorar estas obscuras angústias.»

Uma noite, faz agora onze meses, estava eu passeando nos quase pardieiros da minha vivenda, quando ouvi tropel de cavalgadas no barrocal que descia da serra ao alpestre casalejo de meus avós, os quais ali se tinham homiziado no tempo das grandes perseguições do rei D. Manuel. Acudi à janela e ouvi uma voz de homem dizer: «É aqui.» Não sei que outras palavras se disseram: eram a voz dela: era Maria.

Quando dei tento de mim, e cobrei conhecimento da minha situação, tinha nos braços a filha de Fernão Cabral, e à beira dela vi uma criada sua, que nos fora medianeira, e um criado da casa de meu pai.

Contou Maria, a intercadências ansiadas, que fugira de Bragança, logo que o pai se ausentou por alguns dias, no propósito de negociar o casamento dela com um fidalgo de Viseu. Como não tinha mãe, e costumava passar muitas horas reclusa no seu quarto, os domésticos não deram logo conta da fuga, nem a suspeitariam tão cedo, se a sua aia não faltasse também. Fugiu caminho da Guarda, e procurou-me alta noite, em casa de meus pais, que tentaram restituí-la à casa paterna, temerosos dos resultados. Como ela, porém, os assustasse ainda mais com o propósito de se matar, encaminharam-na ao meu deserto, com todo o segredo.

Imagina tu que hospedagem daria eu à filha do gentil-homem, ali, naquelas ruínas onde todas as alfaias eram um catre de bancos, uma arca, dois tamboretas de pau, e alguma louça vermelha do uso dos caseiros, pobre gente de nossa raça, que para ali ficara granjeando e usufruindo as pouquinhos e inférteis terras!... A Maria e à sua criada grave dei o meu leito; e com o meu criado me fui ao palheiro, e me agasalhei nas mantas que os caseiros nos emprestaram.

De madrugada, chegou meu pai a indagar do meu destino, e a dar-me alguns recursos para fugirmos até onde passássemos insuspeitos. O velho chorava, e eu, digo-to com pejo, queria que ele se alegrasse de me ver feliz!

Deferi a minha saída para o dia seguinte, sem saber que rumo tomasse. Meu pai mandava-me fugir por Espanha e embarcar para a Holanda. Maria, esperançada na comise-ração do pai e na protecção dos seus santos advogados, queria que eu e ela fôssemos ajoelhar aos pés dele. Por mais que mo dissesse em tom de anjo quando revela os decretos do céu, não pude sequer imaginar possível o perdão do soberbo fidalgo.

Sáimos para Celorico, a quatro léguas de distância. Numa aldeia dos arrabaldes, moravam irmãos do meu caseiro, granjeando um casal. Ali deliberei repousar alguns dias, porque Maria já tão sem forças ia da jornada por serras num dia de rigoroso Inverno, que mal podia ter-se nas andilhas. Desde aqui avisei meu pai, pedindo-lhe novas do que soubesse. Respondeu-me que, horas antes, tinha sido cercada a nossa casa, e que ele, com todos os nossos, estavam arriscados a ser presos.

E foram, no dia seguinte, presos e fechados em masmorras.

As imediatas notícias que tive foram crudelíssimas. Todos os nossos bens tinham sido inventariados como para entrarem no sequestro feito a bens de judeus. Eu não devia

já esperar recursos alguns de minha casa, e o dinheiro que eu possuía pouquíssimo era para me transportar para fora do reino. Sobrepõe tu, Francisco, a estes lances, o medo da prisão, e escutar a cada instante nos menores rumores o estrépito dos quadrilheiros! E, se estes são pouco suplícios para conceberes muito em sombra a minha vida, ajunta a isto uma cama de enxerga num quarto de vigamento por onde a ventania esfuziava, e sobre essa enxerga a pobre menina a tremer os frios das sezões, e eu de mãos postas a contemplá-la assim!

Para que ninguém da aldeia nos visse, os dias para nós eram a continuação das noites. Aqueles pobrinhos fazendeiros, de portas adentro, melhoraram quanto puderam a nossa situação. Eu, por minhas mãos, carpintejei o tabique para aconchegar o nosso quarto; e, com todas as cautelas, consegui que viessem de longe bragais e roupas com que tirei à alcova de Maria as tristezas da indigência. Melhorou a minha pobre amiga e desenvolveu espantosa energia na luta. O sorriso dela dava-me alentos; mas não podia espancar da minha alma a imagem de meu pai, mãe e irmãos encarcerados, perseguidos pelo rancor vingativo de Fernão Cabral, e mais que muito sujeitos à extremidade de pagarem com a vida o meu delito.

Com que traças e trabalhos eu conseguia incertas notícias deles! Para mim era já consolativa a nova de que os não tinham mandado para os cárceres da Inquisição de Coimbra. Logo que eles aqui entrassem, perdidos os considerava eu.

E assim vão decorridos treze meses, Francisco Luís! Compreendes tu que infernos eu tenho apagado com as minhas lágrimas para poder viver ainda... Lágrimas escondidas daquela mártir, para que ela, conhecedora do meu desalento, não desanime!...

— E choras assim, António! Coragem! — exclamou Abreu, tomando contra o seio o ansiadíssimo moço.

– Ai! deixa-me chorar, que não o pude ainda fazer tanto às largas. Deixa-me chorar, que isto é veneno mortal que me sai dos olhos! É preciso que vejamos alma compadecida para sabermos a doçura deste desafogo das lágrimas!

Passados momentos, António apertou, de golpe e convulsivamente, as mãos do discípulo, levou-as aos lábios, e exclamou soluçante:

– Sabes ao que vim?

– Diz, meu querido amigo.

– Venho pedir-te dinheiro para fugir de Portugal.

– Tê-lo-ás. Minha mãe já não vive, e eu tenho uma legítima. Conta com ela.

– Bem hajas! bem hajas, meu Francisco! Mas venho pedir-te mais alguma coisa.

– Diz.

– Eu tenho um filho de quinze dias. Não posso fugir com a criancinha. Aceitas-ma no regaço da tua caridade? Ficas com o meu filhinho, para mo restituir, quando a felicidade me bafejar?

– Ficarei com o teu filhinho, António. Dar-lhe-ei o coração que te dou a ti. Se Deus o não tiver levado, quando voltares, achá-lo-ás. Não lhe direi o teu nome de pai, sem que tu lho possas dar. Ninguém saberá que é teu filho, sem que tu possas dizê-lo ao mundo.

– É assim que to roga a minha alma atribulada... a ti e a Deus, que me está falando no teu coração. Por que não hei-de eu ajoelhar a teus pés, se creio que em ti está o Senhor da compaixão e da misericórdia?!

Francisco Luís de Abreu levantou nos braços o arquejante moço; e, não menos comovido, ratificou as promessas feitas.



Às dez horas da noite seguinte, Francisco Luís e o seu amigo saíram de Coimbra, cada qual por diversa porta. O benfeitor foi para Ourém, sua terra; o judeu da Guarda, por desvios escusos, entrou, decorridas duas noites de jornada, na abegoaria onde o esperava a mãe da criancinha, que bebia leite aguado de lágrimas.

Dez dias volvidos, por noite alta, entrava no mesmo casalejo Francisco Luís de Abreu, com uma ama de leite, e com a sua legítima materna num saco de moedas de ouro.

Contemplou a formosura da pecadora, e a formosura do inocente nos braços dela. Saudou-os, chorando, e tomou a criancinha muito aconchegada do seio.

– Como se chama o anjinho? – perguntou o académico.

– Tu o dirás – respondeu António. – É teu afilhado.

– Seja Francisco – disse a mãe.

– Muito desejaria eu baptizá-lo, e dar-lhe o meu nome – observou o académico; – mas tu sabes, António, o resguardo que convém ter convosco, com este menino e comigo. O meu parecer é que se esconda quanto ser possa a influência que eu hei-de ter na criação de teu filho. Melhor é que as suspeitas do mundo, se elas vingarem descobrir ligações desta criança comigo, me julguem a mim, que não a ti, pai dela. O meu intento é alugar uma casinha em Coimbra onde a ama viva com ele. Não irei ser padrinho, para não dar corte à desconfiança de que ele seja meu filho. Assim se irá criando, até que eu conclua a formatura. Neste meio tempo, quererá Deus que tu voltes a Portugal.

– Voltarei eu?! – exclamou António, apertando no mesmo abraço o amigo, o filho, e a mãe, que estava lavando em lágrimas o rosto da criancinha, deitada nos braços do estudante. – Ver-vos-ei eu mais? – balbuciou, entalado de gemidos. – Que futuros melhores posso esperar eu?! Como crês tu possível o termo da perseguição?...

– Não sei – disse Abreu, fingindo esperanças. – Não sei... mas as voltas do mundo são tão espantosas... Todavia... – continuou ele com o alvoroço de uma já sincera esperança – não te lembraste ainda duma felicidade muitíssimo possível?

– Qual? – conclamaram os dois, para quem um raio de esperança era já coisa de estontear como a luz do sol aos exumados das trevas de longo encarceramento. – Qual? que felicidade nos prometes, meu amigo?

– A mais óbvia e fácil. O que me espanta é que ela vos não haja sorrido primeiro do que a mim. Ides para Espanha, não é assim?

– Vamos.

– De lá passais à Holanda, onde achareis o abrigo que os nossos irmãos deparam a quantos infelizes vão de cá acoçados pelas tachas do auto da fé. Tu, António, és novo e robusto. Se não quiseses continuar os teus estudos médicos lá fora, voltas a tua actividade para outra ordem de trabalhos: fazes-te mercador, ganhas dinheiro, esqueces a pátria, como se nunca a tivesses, como em verdade não temos; depois, mandas ir o teu filhinho, como complemento da tua felicidade na vida tranquila.

– Que sonho! – clamou alegremente a filha de Fernão Cabral. – E eu nunca pensara nisso...

– Nem eu... – ajuntou António. – Há umas desgraças que esterilizam a mais pensadora e expeditiva alma! Eu não via senão escuridade... Agora, bem hajas tu, meu irmão, que me restituís à serenidade de homem inquebrantável por afrontas da sorte... E a ti, a ti, meu amigo? não hei-de eu mais ver-te?

– Por que não, se eu hei-de ser propriamente quem te vá levar o filho?

– Oh! então já sei que há o antever da perfeita felicidade, cá mesmo deste grande abismo em que me lancei com esta infeliz menina...

E, abraçando-se nela, choravam ambos lágrimas já de júbilo, como as de quantos naufragos que apegam sobre ponta de rocha, ainda quando ao despegarem-se, para ganhar terra, voragens novas se lhes anteponham.

Neste dia, como se a adversidade cansasse de cruciar os dois fugitivos, boa nova lhes chegou a sobredourar os prazeres da esperança.

Sem embargo da raivosa perseguição do fidalgo de Bragança à inculpada família do hebreu, as leis não se dobraram a sentenciar a perdição dos inocentes. Após dez meses de masmorra na cidade da Guarda, os dois velhos e seus filhos saíram livres, sob a bandeira misericordiosa dos dignitários da Sé, conjurados todos em deporem sobre a pura cristandade dos presos, e a sua irresponsabilidade nas desordens do mau membro de sua família.

Redobrada a exultação de António com esta nova, queria já ele dispensar-se de receber o empréstimo de Francisco de Abreu, como quem contava com sobejo dinheiro de sua casa resgatada do sequestro. O amigo, porém, não condescendeu nem o desquitou da obrigação de devedor, instando na imediata saída de Portugal, porque a raiva do fidalgo redobraria de vigilância, depois da soltura dos presos em quem não pudera assentar em cheio a mão ranco-rosa.

Prevaleceram as judiciosas previsões de Francisco Luís. Àquela hora, de feito, já Fernão Cabral, esporeado pelo ódio, apertava novas diligências para descobrir o rasto dos fugitivos, e, mediante disfarçados espias que na Guarda andavam furoando, não estava já longe de lhes descobrir o rasto.

Ao outro dia, depois de muito chorar da mãe, a cujo seio arrancaram a criancinha, Francisco Luís, sem saber como se estancavam lágrimas de tão puro sangue de alma, fugiu para assim dizer com o menino, sem esperar as últimas despedidas.

Ao anoitecer deste dia, os consternados pais, por serranias não trilhadas endireitaram às fronteiras e vingaram entrar em Espanha. Contemplavam-se a espaços, e viam nos olhos um do outro o desconforto, a desesperança, o convencimento de que a sua desgraça ia crescendo.

– E o nosso filhinho?... – dizia ela em gemidos, que pareciam um arrancar da vida.

E ele cobria o rosto com as mãos, arquejava, engolia as lágrimas e não respondia.

– Que mal fizemos em deixar a criancinha! – voltava ela, cruzando os braços sobre os seios, que lhe doíam entumecidos do leite. – Que ruim mãe eu fui!... Meu Deus, perdoai-me que eu somente agora considero a grandeza do meu crime!

– Não chores assim! – atalhava o atribulado moço. – Pois como andarias tu fugitiva com um filhinho de três semanas! Ó Maria, por Deus te peço que nos não atormentemos! Ajuda-me a ser homem! Ampara-me, pela boa sorte do nosso filho te rogo que me ampares! Volta ao futuro os olhos de tua alma! Esperemos... lutemos, sejamos fortes, não nos deixemos acabar aos golpes desta saudade.